



NOTA DE INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA 11 | 2016

Estudo da Central de Balanços | 24 – Análise das empresas dos setores da madeira, da cortiça e do papel

25 de janeiro de 2016

O Banco de Portugal publicou hoje o [Estudo da Central de Balanços | 24](#), que analisa a situação económica e financeira das empresas pertencentes aos setores da madeira, da cortiça e do papel.

O estudo incide sobre o período 2010-2014 e tem por base a informação da Central de Balanços do Banco de Portugal, complementada com detalhe sobre os empréstimos bancários obtidos por estas empresas junto do sistema financeiro residente em Portugal.

Os resultados são apresentados por referência às classes de dimensão (microempresas, pequenas e médias empresas e grandes empresas) e aos segmentos de atividade económica (“silvicultura”, “madeira e mobiliário”, “cortiça” e “papel”). É também efetuada uma análise comparativa com o agregado das sociedades não financeiras (SNF).

Estrutura e dinâmica

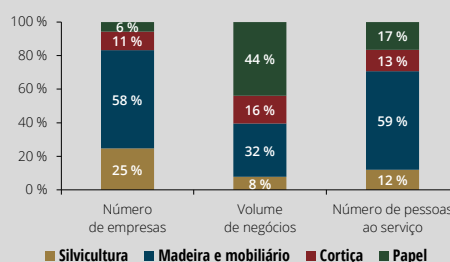
7 mil empresas, sobretudo microempresas. 12 por cento eram empresas exportadoras.

Em 2014, os setores da madeira, da cortiça e do papel compreendiam cerca de 7 mil empresas, ou seja, 2 por cento do total das empresas em Portugal, representando 3 por cento do volume de negócios e do número de pessoas ao serviço. Por segmentos de atividade económica, a “madeira e mobiliário” detinha a maior parcela de empresas e de pessoas ao serviço (58 por cento e 59 por cento, respetivamente). O “papel” concentrava, no entanto, a maior proporção do volume de negócios (44 por cento) (Gráfico 1). Por classes de dimensão, mais de 80 por cento das empresas eram microempresas. Porém, as grandes empresas exibiam a maior proporção do volume de negócios (50 por cento).

Em 2014, os setores da madeira, da cortiça e do papel apresentaram, em termos médios, um volume de negócios 1,5 vezes superior ao do conjunto das

SNF e um número médio de pessoas ao serviço 1,4 vezes superior.

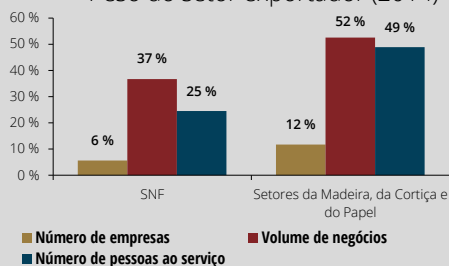
Gráfico 1 • Estrutura | Por segmentos de atividade económica (2014)



A evolução do volume de negócios destes setores foi positiva entre 2006 e 2014. Não obstante, o número de empresas e o número de pessoas ao serviço diminuíram. Ainda assim, em 2014, o número de empresas aumentou de forma mais significativa (3 por cento) do que no total das SNF (2 por cento).

O setor exportador compreendia 12 por cento do número de empresas, 49 por cento do número de pessoas ao serviço e 52 por cento do volume de negócios das empresas dos setores em estudo, valores superiores aos registados no conjunto das SNF (6 por cento, 25 por cento e 37 por cento, respetivamente) (Gráfico 2).

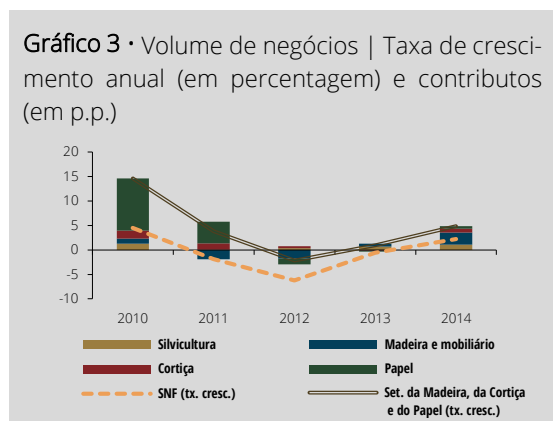
Gráfico 2 • Peso do setor exportador (2014)



Atividade e rentabilidade

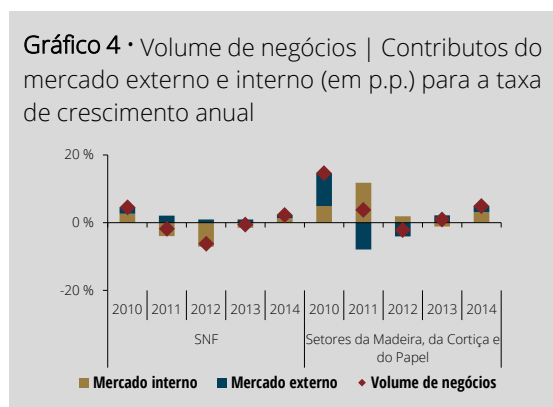
Volume de negócios aumentou 5 por cento em 2014. Crescimento impulsionado por todos os segmentos de atividade com destaque para a “madeira e mobiliário”.

Em 2014, o volume de negócios dos setores da madeira, da cortiça e do papel aumentou 5 por cento relativamente ao ano anterior, 3 pontos percentuais (p.p.) acima do observado para o total das empresas (Gráfico 3).



Por classes de dimensão, as PME deram o maior contributo para o crescimento do volume de negócios dos setores em estudo (2,5 p.p., associados a um crescimento de 7 por cento). Todos os segmentos de atividade contribuíram para o aumento do volume de negócios, com destaque para a “madeira e mobiliário” (crescimento de 8 por cento e contributo de 2,5 p.p. para o crescimento do volume de negócios destes setores).

O crescimento de 5 por cento do volume de negócios deveu-se, em larga medida, ao desempenho do mercado interno (contributo de 3 p.p.). No entanto, o mercado externo também apresentou um contributo positivo, à semelhança do registado pelas SNF (Gráfico 4).



Os gastos da atividade operacional acompanharam a evolução do volume de negócios, com um aumento de 6 por cento em 2014. De destacar, para

esta evolução, o contributo do custo das mercadorias vendidas e matérias consumidas (4 p.p.).

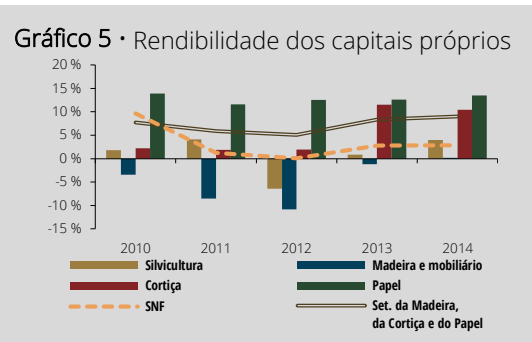
O acréscimo do *EBITDA* foi análogo ao do volume de negócios (5 por cento) e mais favorável do que o verificado pelo universo das empresas. A proporção de empresas com *EBITDA* negativo situou-se nos 30 por cento, 5 p.p. abaixo da registada para o total das empresas (Quadro 1).

Quadro 1 • EBITDA | Proporção de empresas com crescimento do EBITDA e com EBITDA negativo

	Empresas com crescimento do EBITDA		Empresas com EBITDA negativo		
	2013	2014	2013	2014	
SNF	53,6 %	53,9 %	36,2 %	35,3 %	
Set. da Madeira, da Cortiça e do Papel	56,6 %	53,7 %	30,4 %	29,6 %	
Por classes de dimensão	Microemp.	56,8 %	54,2 %	33,6 %	32,6 %
	PME	56,1 %	52,1 %	16,9 %	17,6 %
	Grand. emp.	52,0 %	63,0 %	0,0 %	0,0 %
Por segmento de atividade económica	Silvicultura	62,5 %	55,4 %	23,3 %	24,1 %
	Mad. e mob.	55,4 %	53,2 %	35,2 %	33,3 %
	Cortiça	52,5 %	51,3 %	23,6 %	25,7 %
	Papel	57,2 %	57,3 %	20,6 %	23,5 %

A margem *EBITDA* ascendeu a 12 por cento e a margem líquida situou-se nos 5 por cento, o que compara com 8 por cento e 1 por cento no total das empresas. A rentabilidade dos capitais próprios foi de 9 por cento em 2014, destacando-se o desempenho do segmento do “papel” (14 por cento), que contrastava com o segmento da “madeira e mobiliário” (0,2 por cento).

No período 2010-2014, apenas em 2010 a rentabilidade foi inferior ao desempenho médio das empresas em Portugal (Gráfico 5).

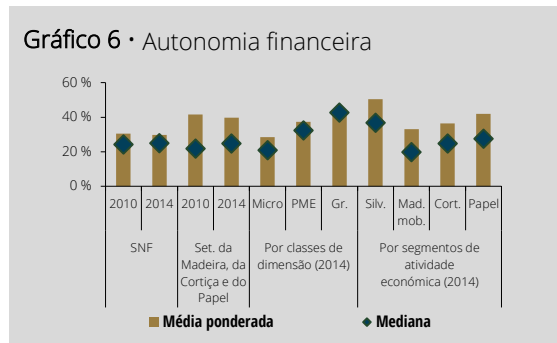


Estrutura financeira

25% das empresas tinham capitais próprios negativos. Empréstimos bancários e títulos de dívida com maior peso na dívida remunerada.

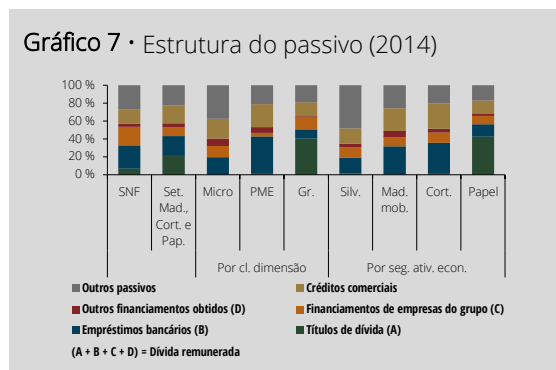
Os setores da madeira, da cortiça e do papel apresentavam, em 2014, um rácio de autonomia financeira de 40 por cento. Um valor médio que, embora não representasse a situação da generalidade das

empresas (metade tinha um valor inferior a 25 por cento), era superior ao valor médio das empresas em Portugal (30 por cento) (Gráfico 6).



Em 2014, a dependência de capital alheio era particularmente crítica para cerca de 25 por cento das empresas dos setores em estudo, as quais apresentavam capitais próprios negativos. Esta proporção esteve, no entanto, desde 2010, abaixo da média do total das SNF (30 por cento).

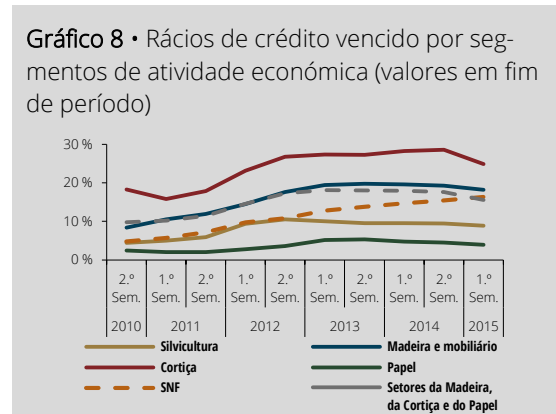
A dívida remunerada representava cerca de 57 por cento do passivo dos setores (Gráfico 7). Nesta rubrica, os empréstimos bancários apresentavam a maior relevância (22 por cento do passivo), a par dos títulos de dívida (21 por cento).



Os empréstimos bancários assumiam particular relevância para as PME (representando 42 por cento do passivo). Nos segmentos da “cortiça”, “madeira e mobiliário” e “silvicultura” correspondiam, respetivamente, a 35 por cento, 31 por cento e 17 por cento do passivo. No “papel”, a principal fonte de dívida remunerada utilizada foi a emissão de títulos de dívida, que representava 43 por cento do passivo em 2014. De referir, aliás, que, nas grandes empresas, os títulos de dívida agregavam a parcela mais significativa do passivo (40 por cento).

A informação disponível para o primeiro semestre de 2015, compilada pela Central de Responsabilidades de Crédito do Banco de Portugal, mostra que o crédito concedido aos setores da madeira, da cortiça e do papel pelo sistema financeiro residente cresceu 7 por cento relativamente ao mesmo período de 2014, ainda que tenha decrescido 14 por

cento face a 2010. O rácio de crédito vencido situou-se nos 15,6 por cento, ligeiramente abaixo do verificado para as SNF (16,3 por cento) (Gráfico 8).

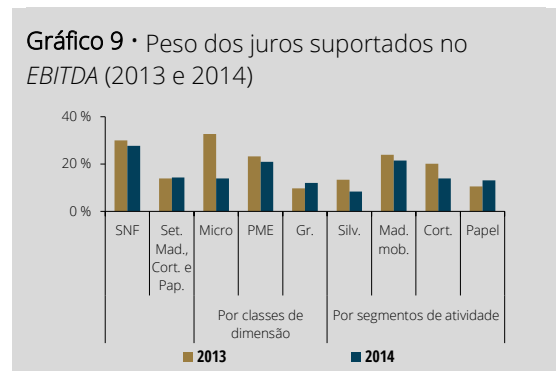


Gastos de financiamento e solvabilidade

Pressão financeira aumentou nas grandes empresas e no “papel”.

Em 2014, nos setores da madeira, da cortiça e do papel, a taxa de crescimento anual média dos juros suportados foi de 8 por cento, em contraste com a diminuição de 7 por cento verificada para o conjunto das SNF. Contudo, a mediana da taxa de crescimento anual dos juros para os setores em estudo situou-se nos -13 por cento, indicando que o aumento registado em termos médios não foi representativo da evolução da generalidade das empresas destes setores.

O rácio de pressão financeira, isto é, o peso dos juros suportados sobre o *EBITDA* gerado pelas empresas destes setores, apresentou um ligeiro aumento em 2014 (0,4 p.p., situando-se em 14 por cento), ao passo que, para o conjunto das SNF, se registou uma diminuição de 2 p.p. (Gráfico 9). O aumento do rácio de pressão financeira ficou a dever-se apenas às grandes empresas (aumento de 2 p.p., para 12 por cento), já que este indicador diminuiu nas restantes classes. Por segmentos de atividade económica, a pressão financeira aumentou somente no segmento “papel” (2 p.p., para 13 por cento). Os outros segmentos de atividade apresentaram uma diminuição generalizada dos níveis de pressão financeira, com destaque para o decréscimo de 6 p.p. observado na “cortiça” (para 14 por cento).



Em cerca de 66 por cento das empresas dos setores da madeira, da cortiça e do papel os juros suportados consumiam menos de metade do *EBITDA*, o que compara com 61 por cento para o conjunto das SNF. Por outro lado, 28 por cento das empresas dos setores em estudo apresentavam um nível de pressão financeira superior a um, proporção inferior à verificada para o conjunto das SNF (34 por cento).

Financiamento por dívida comercial

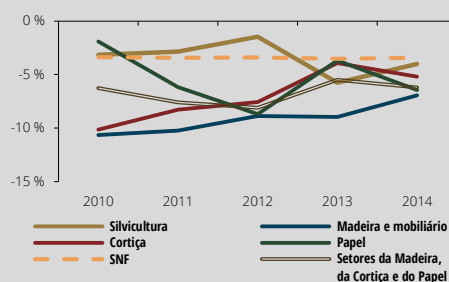
Setores não obtiveram financiamento líquido por dívida comercial.

Em 2014, o financiamento por dívida comercial representou 20 por cento do passivo dos setores da madeira, da cortiça e do papel (16 por cento do passivo no conjunto das SNF).

Em média, as empresas demoravam mais cinco dias a receber dos seus clientes do que a pagar aos fornecedores, situação menos favorável do que a das SNF, que apresentavam um prazo médio de recebimentos inferior ao prazo médio de pagamentos.

O indicador de financiamento líquido por dívida comercial, em percentagem do volume de negócios, situou-se nos -6 por cento em 2014, o que revela que estes setores não obtinham financiamento, em termos líquidos, por esta via, à semelhança do que se verificava para a generalidade das SNF (saldo negativo equivalente a 3 por cento do volume de negócios) (Gráfico 10).

Gráfico 10 • Financiamento líquido por dívida comercial | Em percentagem do volume de negócios, por segmentos de atividade económica



Nota: O financiamento líquido por dívida comercial foi calculado pela diferença entre o saldo de fornecedores (líquido de adiantamentos) e o saldo de clientes (líquido de adiantamentos e ajustamentos).